

**“NÃO CONSIGO LER O QUE ESTÁ ESCRITO”
UM OLHAR DISCURSIVO E SEMIOLÓGICO
SOBRE A PICHÇÃO EM CAMPO GRANDE – MS**

José Bráulio da Silva Junior (UEMS)

josebrauliojunior@hotmail.com

Aline Saddi Chaves (UEMS)

alinechaves@uems.br

RESUMO

Deparando-se com uma pichção nos muros dos espaços públicos urbanos, olhos destreinados dirão: “não consigo compreender nada do que está escrito”, ou ainda, “ao contrário do grafite, a pichção não apresenta significação artística relevante”. Pode-se até mesmo associar a pichção a um fenômeno urbano de manifestação crítica, social e cultural, espécie de contra-poder (FOUCAULT, 1979), mas dificilmente se ouvirá que “pichção é arte”, ou que a configuração plástica da pichção possui relevância em meio às outras expressões artísticas. O presente trabalho pretende mostrar os resultados parciais de uma pesquisa em curso, que tem por objeto de estudo a pichção no perímetro urbano da cidade de Campo Grande (MS). Dentre as questões levantadas acerca do objeto, destacamos seu funcionamento enunciativo e seu dispositivo linguageiro verbo-visual. Trabalhamos com a hipótese de que o plano da expressão, a saber, a estrutura semiótica da pichção, com base na grafia das letras, pode influenciar o plano do conteúdo, no nível do enunciado, enquanto processo de geração de significação plástica. Ao se pensar a configuração de um processo de geração de significação plástica da pichção, deve-se ter em mente que a avaliação crítica de uma obra como a música ou a pintura implica levar em consideração determinados parâmetros que legitimam, por assim dizer, o *status* do discurso artístico na sociedade. Sob esse ponto de vista, a pichção também poderia considerada sob seu aspecto ético (BAKHTIN, 2003), estético e plástico, de modo a tornar possível a distinção entre pichção e grafite. Com base nesses questionamentos, sustentamos as hipóteses a partir de dois quadros teóricos: a semiótica plástica, que descreve a estrutura semiótica da pichção; e a análise do discurso, disciplina teórica interessada pela articulação do verbal (língua) aos funcionamentos socioideológicos dos discursos.

Palavras-chave: Pichção. Campo Grande. Análise do discurso. Semiologia.

1. Plano da expressão, plano do conteúdo e enunciação da pichção

Desde a inauguração dos estudos semiológicos da língua-sistema, com base na obra de Saussure, surgiu uma definição clara e distinta sobre plano da expressão (significante) e plano do conteúdo (significado). Na abordagem saussuriana, o plano do conteúdo corresponde a tudo aquilo que o enunciador deseja comunicar, já o modo como esse conteúdo é formalmente manifestado corresponde ao plano da expressão.

Na obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Bakhtin/Volochinov (2002) abordam a importância do plano do conteúdo e do quadro enunciativo para a atualização do sentido por meio da linguagem. No capítulo “Língua, fala e enunciação”, os autores afirmam que a realidade se expressa, linguisticamente, em signos. Mas, diferentemente de Saussure, os autores entendem o signo como fortemente carregado pela ideologia. Assim sendo, para além de um significante e um significado relativamente estáveis, o signo só passa a ser compreendido no interior de um contexto quando relacionado aos usos anteriores, intervindo aí usos históricos, sociais e ideológicos.

Em outras palavras, é possível identificar a realidade histórica, social e cultural daquele que enuncia pelo lugar de onde fala, e pelas palavras que usa, historicamente constituídas, ou seja, por meio de elementos que estão relacionados ao plano do conteúdo.

A título de exemplo, quando se deseja conhecer uma sociedade antiga, como a Grécia, o melhor que podemos fazer é ler algo produzido por essa sociedade no período histórico escolhido. Lendo uma obra como *Ilíada*, de Homero, podemos ter acesso, por meio do plano do conteúdo, às concepções da sociedade grega do século VIII a. C., seu pensamento, relações sociais, a religião da época, entre outros inúmeros aspectos.

Isso é possível porque o plano do conteúdo carrega as marcas dos dizeres de toda uma sociedade, assim como em outros tipos textos da mesma época. Essas marcas são linguísticas, mas, antes disso, gráficas e relacionadas a um determinado suporte, como paredes de cavernas, utensílios (vaso), pergaminhos contendo escrituras sagradas *etc.*

Contudo, estudar o plano conteúdo também requer que observemos como se dá o processo de produção de criação de sentido, isto é, os processos de semiotização. No caso de nosso objeto de pesquisa, a pichação, faz-se necessário, a fim de melhor compreender a mensagem da pichação e seu contexto enunciativo, observar *o que* a pichação diz, *de onde* diz e *como* diz.

Com relação ao contexto enunciativo de produção da pichação, observamos que o tempo da produção é muito curto, tendo em vista que seu autor, para evitar ser flagrado, é obrigado a fugir. Esse fator explica as frases curtas, ainda que criativas e impactantes. As frases feitas em pichações, quando dirigidas ao grande público, em geral, fazem uma séria denúncia social/política.

Além das formas de produção, também é necessário ressaltar, para uma melhor compreensão do plano do conteúdo, em que condições se dá essa produção, ou seja, que circunstâncias estão ligadas à forma adquirida pela enunciação. Pois são as condições de produção do discurso (PÊCHEUX, 1988) que determinam o sentido de uma dada palavra, e não o contrário, segundo a teoria da análise do discurso, o que pode ser melhor compreendido por essa citação:

... o *sentido* de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição *etc.*, não existe “em si mesmo” (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas). Poderíamos resumir essa tese dizendo: *as palavras, expressões, proposições etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam*, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às *formações ideológicas* (...) nas quais essas posições se inscrevem. (PÊCHEUX, 1988, p. 160)

No caso da pichação, as circunstâncias imediatas da produção do enunciado estão ligadas ao suporte físico do muro, um espaço de grande visibilidade, em um momento em que o pichador deve se valer de grande discrição, a fim de não ser flagrado, pois, se o for, possivelmente terá problemas com o proprietário do muro ou com as forças policiais.

Os fatores ligados às condições de produção da enunciação da pichação estão diretamente ligados aos processos de significação, no plano do conteúdo. O “sujeito” da pichação constitui-se, historicamente, na via oposta dos discursos sociais estabilizados e institucionalizados. São mensagens que vão contra o governo, os problemas sociais, são o que o pichador (enunciador) pretende dizer. Grafar em muros é a maneira que ele encontra para se fazer ouvir, e tal prática data da pré-história.

Restringindo nossas observações, neste trabalho, para o plano da expressão da pichação, interessa-nos investigar a pichação pelo prisma semiológico. A manifestação da pichação é comumente avaliada, nos meios de comunicação, de forma pejorativa. É por esse motivo que o estudo semiótico dessa forma de intervenção social se faz necessária quando se tem por objetivo considerar que a pichação constitui um tipo de discurso, e que sua mensagem não se restringe a um “sem-sentido”.

Objetiva-se, desse modo, compreender o fenômeno, elucidar questões ainda pouco discutidas, como saber se a pichação é uma forma de arte significativa, tanto quanto o grafite, e se o plano do conteúdo é (ou não) influenciado pelo da expressão.

Ao observarmos o plano da expressão das pichações que são vistas no perímetro urbano de Campo Grande (MS), vemos que estas se valem, geralmente, de alguns procedimentos gráficos que visam a chamar a atenção dos transeuntes. Dentre esses elementos gráficos, destacam-se a utilização de siglas, geralmente de três ou quatro letras. Elas não veiculam nenhum significado aparente para não pichadores, são letras de difícil reconhecimento, que variam de um pichador a outro. Verifica-se, igualmente, a grafia de números, que, tanto quanto as letras, não remetem, para o observador descuidado, a nenhum significado aparente. De toda forma, essa linguagem é altamente portadora de sentido para os pichadores, e a variação denota a autoria.

A respeito do sentido, é importante dizer que este resulta da junção do plano da expressão com o plano do conteúdo, em uma rede de relações profundas. Pela ideia de profundidade, queremos dizer que há motivações intrínsecas da parte do pichador, uma (não) aceitação pela quase totalidade da sociedade, e reflexos sociais transcritos por meio das pichações.

Observemos o que diz o semioticista Pietroforte (2004) sobre a relação entre plano do conteúdo e plano da expressão segundo a perspectiva dos estudos semióticos:

Em muitos textos o plano da expressão funciona apenas para a vinculação do conteúdo, como na conversação, por exemplo. No entanto, em muitos outros ele passa a “fazer sentido”. Quando isso acontece, uma forma de expressão é articulada com uma forma de conteúdo, e essa relação é chamada de semissimbólica. (PIETROFORTE, 2004, p. 21)

Assim sendo, quando um pichador realiza o ato de pichar, ele deve ser rápido, transmitir em um curto período de tempo uma mensagem impactante, seja para a sociedade, seja para outro pichador. Vemos, aqui, novamente, que as condições de produção deste discurso são determinantes para o plano da expressão.

O pichador não terá tempo para produzir uma mensagem complexa do ponto de vista formal, ou seja, rica em elementos artísticos e detalhistas. Ele deve configurar sua mensagem com fluidez e velocidade, e “desaparecer” o mais rápido possível, e isso impede que a pichação seja esteticamente complexa. Mas, antes de tudo, o verdadeiro objetivo da enunciação da pichação está relacionada antes ao plano do conteúdo do que à manifestação formal, como ocorre no grafite.

2. Aspectos semióticos da pichação

Antes de abordarmos os aspectos semiológicos da pichação tendo como base as pichações no perímetro urbano de Campo Grande (MS), faz-se necessário situar a semiologia.

Na obra *O que é semiologia*, Santaella (1983) define semiologia a partir de semiótica. Segundo ela, “semiótica” vem da raiz grega *semeion*, que quer dizer signo. Semiótica é, pois, a ciência dos signos (Santaella, 1983, p. 1). A autora também afirma que a semiótica, ou semiologia, como preferem outros autores, vai até os limites da vida, já que a realidade é representada por signos. Vejamos essa citação:

A semiótica se constitui num campo intrincado e heteróclito de estudos e indagações que vão desde a culinária até a psicanálise, que se intrometem não só na meteorologia como também na anatomia, que dão palpites tanto ao cientista político quanto ao músico, que imprevisivelmente invadem territórios que se querem bem protegidos pelas bem demarcadas fronteiras entre as ciências, isso não significa que a Semiótica esteja sorrateiramente chegando para roubar ou pilhar o campo do saber e da investigação específica de outras ciências. (SATAELLA, 1983, p. 3)

À luz da semiologia, e com base nas relações de plano do conteúdo e plano da expressão, podemos fazer as seguintes observações:

1. Pelo fato de o pichador ter que ser rápido ao realizar a pichação, esta não tem um forte apelo plástico.
2. A pichação visa à mensagem, o enunciado, e não necessariamente à forma como será expressa essa mensagem.
3. Até mesmo quando o enunciado é destinado a outro pichador, os signos verbais da pichação, como siglas e números, estão presentes, o que mostra que o plano do conteúdo ocupa o primeiro plano da pichação, sendo o plano da expressão praticamente secundário.

Das variadas abordagens disponíveis nos estudos semióticos, aquela que nos interessa é a semiótica visual.

Já situamos sucintamente a semiótica e seu enfoque, qual seja o plano da expressão. Mas, para realizar uma análise semiótica da pichação, é necessária uma abordagem que vá além do signo verbal, tendo em vista que a grafia das pichações configuram-se, frequentemente, em signos gráficos que não correspondem às palavras das línguas naturais.

Nesse sentido, precisamos mobilizar outro ramo da semiótica,

aquele que se interessa por analisar os elementos constituintes da construção estética de uma imagem, gravuras, fotografias ou pinturas. Trata-se da semiótica visual, ou plástica, a qual se debruça, pios, sobre formas de significação do plano da expressão em suas configurações não verbais. A esse respeito, os autores da citação a seguir explicam melhor os limites de tal abordagem:

A semioestética. Trata-se, como se pode deduzir, da associação dos conhecimentos estéticos aos semióticos; e dessa associação nasceram instrumentos para o acesso às imagens visuais como linguagem. Isto porque, quanto aos textos verbais, os conhecimentos semióticos, por si só, já seriam suficientes, em se tratando de pessoas alfabetizadas. Mas para um enunciatário se posicionar perante um texto visual, a adição do repertório que a estética oferece é fundamental. (OLIVEIRA, GASPARELLO, OLIVEIRA, 2009)

Com base nesses apontamentos, podemos, neste momento, explicar a diferença entre grafite e pichação, e assim responder melhor a uma das questões centrais deste trabalho. A pichação possui um valor significativo tão expressivo quanto o grafite? E o plano da expressão, os aspectos plásticos, influenciam (ou não) a pichação?

Outras formas de arte, como a pintura, utilizam-se de diferentes critérios avaliativos, seja a qualidade da confecção da obra, a temática que a pintura aborda, a escolha das cores, a disposição das figuras, o traço do pintor e a criatividade. Esses podem ser considerados os principais aspectos utilizados para determinar se uma pintura é boa ou ruim. Tal avaliação é feita com base teórica ou intuitiva dos signos. Um exemplo que pode ilustrar superficialmente como trabalha a semiótica plástica.

Crítérios semelhantes aos da pintura podem ser transpostos para a avaliação artística do grafite. Ao contrário da pichação, o grafite não é crime, o que é explicado pelo fato de possuir uma motivação que prioriza o plano da expressão, enquanto a pichação visa, principalmente, a exercer uma pressão social, espécie de contrapoder (FOUCAULT, 1979). Do ponto de vista da expressão, o grafite é visualmente atraente, os signos são, sobretudo icônicos (imagens), com forte investimento nas cores, texturas, traço. Esses fatores são fundamentais para diferenciar grafite e pichação.

Hipoteticamente, se criássemos critérios para qualificar um grafite, poderiam ser esses critérios semelhantes aos utilizados para pintura, como por exemplo, as cores utilizadas, o formato das letras e a motivação da obra. Desses três critérios apresentados, dois estão correlacionados ao tempo que se leva para a produção e conclusão da obra.

Contudo, se aplicarmos esses mesmos critérios à pichação, veremos claramente que esta sairia em desvantagem com relação ao grafite, uma vez que o pichador não dispõe de tempo hábil para cumprir os critérios relacionados ao tempo de produção e conclusão. Pois, pelo fato de a pichação configurar crime passível de punição legal, e também em razão de seu caráter de denúncia, seu processo de semiótica, no plano da expressão, é menos elaborado que o grafite. Com efeito, a pichação prioriza a mensagem, o enunciado, em detrimento da questão estética.

Assim sendo, pode-se dizer que, do ponto de vista da semiótica plástica, pichação e grafite são fundamentalmente distintos. E, do ponto de vista pragmático e socioideológico, também percebemos diferenças importantes: na pichação, a denúncia social; no grafite, a expressão artística, ainda que configure uma sorte de contracultura aos padrões estéticos tradicionais.

3. *Um investimento sociocultural*

Na contemporaneidade, parece não haver dúvidas de que há um investimento sociocultural no grafite. Existem, por exemplo, leis, bem como políticas públicas e movimentos culturais organizados que privilegiam essa forma de expressão. Apesar de empregar o mesmo suporte que a pichação, o grafite diferencia-se substancialmente daquele.

De um ponto de vista histórico, ambas as formas de expressão urbanas já foram consideradas marginais, relacionadas, por exemplo, aos guetos da cidade americana de Nova Iorque. Celso Gitahy (1999) observa que uma das diferenças entre grafite e pichação é que o primeiro deriva das artes plásticas, e a segunda, da escrita. Enquanto o grafite privilegia a imagem, a pichação elege a palavra e/ou a letra como forma de expressão.

Pelo fato de o grafite estar ligado às artes plásticas, essa forma de linguagem foi desmarginalizada, sendo atualmente considerada “cult”, ou seja, uma tendência.

Esta forma de intervenção urbana capturou a atenção de dois jovens que ajudaram a conferir outro status à pichação e ao grafite: Jean-Michel Basquiat (1960-1988) e Keith Haring (1958-1990). Basquiat e Haring se tornaram conhecidos pelos trabalhos que produziram nas ruas e no metrô de Manhattan em meados da década de 1970. Os dois frequentavam o circuito artístico e underground de Nova York, como o The Mudd Club e Club 57, e se tornaram amigos do papa da Pop Art, Andy Warhol. Anos mais tarde, tanto Basquiat

quanto Haring alcançaram projeção internacional, viraram celebridades, e até hoje suas obras têm um alto valor no mercado de arte.⁶⁸

Historicamente a pichação, por sua vez, está ligada à marca de territórios de gangues em Nova Iorque, e por isso, até hoje, é vista como uma linguagem marginal.

4. Considerações finais

Com base no exposto neste artigo acerca da pichação, verificamos que se trata de um objeto complexo para ser tratado em bases teóricas e metodológicas.

Em primeiro lugar, verificamos que o processo semiótico da pichação difere-se substancialmente do grafite, na medida em que, tanto no plano da expressão quanto no plano do conteúdo, ambas se distinguem pela concepção estética. O grafite é reconhecido como uma manifestação artística de valor estético, sobretudo desde as últimas décadas. Isso se deve, em grande parte, a seu plano de expressão rico em elementos pictóricos, como cor, textura, além de sua criatividade e originalidade. A pichação, em contrapartida, prioriza o plano do conteúdo, em detrimento da expressão, visto possuir um comprometimento com causas sociais.

Podemos concluir, assim, que o plano da expressão das pichações pouco influencia o plano do conteúdo, já que o tempo para criar uma mensagem artisticamente incrementada é mínimo, e o objetivo da pichação é comunicar algo. Mas, apesar de o plano da expressão pouco influenciar o plano do conteúdo de uma pichação, ambos os planos são indissociáveis, um não existe sem o outro, já que “o conteúdo só pode manifestar-se por meio de um plano de expressão” (FIORIN, 1995, p. 172)

Do ponto de vista enunciativo, verificam-se duas finalidades pragmáticas distintas, ainda que aparentemente semelhantes. Na pichação, vemos surgir uma voz que procura um espaço para se manifestar. No grafite, esta mesma voz de protesto adquire um tom e uma roupagem mais lúdicos e visualmente atraentes.

Pode-se depreender, de todas essas observações que visaram a

⁶⁸ Texto extraído da revista eletrônica da PUC/RJ, de identificação digital nº 1011929/CA. Autor não informado. Disponível em: <http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/21038/21038_3.PDF>. Acesso em: 13-11-2013.

correlacionar grafite e pichação, que o que realmente explica essa diferença são as condições de produção desses discursos, bem como o modo como são vistas, lidas e interpretadas tanto histórica quanto socialmente. Um tema de suma importância, que merece ser tratado posteriormente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN/VOLOCHINOV. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. Lahud. São Paulo: Hucitec, 2002.

FIORIN, José Luiz. A noção de texto na semiótica. *Revista Eletrônica Organon*. 1995. Disponível em:
<<http://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/29370/18060>>.
Acesso em: 26-11-2013.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*: aula inaugural do Collège de France pronunciada em dois de dezembro de 1970. 19. ed. São Paulo: Loyola, 2009.

GITAHY, Celso. *O que é graffiti*. Brasília: Brasiliense, 1999.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso*: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad.: E. p. Orlandi. Campinas: Unicamp, 1988.

PEITROFORTE, Antonio Vicente. *Semiótica visual*: um percurso do olhar. São Paulo: Contexto, 2004.

SANTAELLA, Lucia. *O que é semiótica*. Brasília: Brasiliense, 1983.

OLIVEIRA, Sandra Regina Ramalho e; GASPAR, Débora da Rocha; OLIVEIRA, Guilherme Augusto Ramalho e. *Uma contribuição da semiótica para a comunicação visual na área da saúde*. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832009000200013>. Acesso em: 13-11-2013.